

A DISPUTA DAS RUAS E DAS MENTES: GEOGRAFIA DOS MOVIMENTOS SOCIOESPACIAIS E SOCIOTERRITORIAIS URBANOS NO BRASIL EM 2022

24

THE DISPUTE OF STREETS AND MINDS: GEOGRAPHY OF SOCIO-SPATIAL AND
SOCIO-TERRITORIAL URBAN MOVEMENTS IN BRAZIL IN 2022

<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2024.262166>

Aline Lima Santos

aline.lisan@gmail.com

Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo - São Paulo – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-7474-6142>

Wilians Ventura Ferreira Souza

wilians.ventura@unesp.br

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Presidente Prudente – São Paulo – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-6166-0059>

Submetido em 22.03.2024

Aceito em 10.09.2024

Resumo:

A teoria geográfica dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais vem se consolidando a partir dos estudos dos movimentos que atuam na cidade, campo, águas e florestas. As diferentes dimensões da conflitualidade, as temáticas, assuntos e objetivos construídos pelos movimentos revelam a riqueza e diversidade presente nas lutas estabelecidas nesses diferentes espaços, que apesar de heterogêneas, são intrinsecamente relacionadas. O objetivo deste artigo foi de estabelecer um diálogo entre as ações produzidas pelos movimentos socioespaciais e socioterritoriais nas cidades brasileiras em 2022 em consonância com a teoria geográfica dos movimentos. As disputas, conflitos, negociações, produções e narrativas engendradas a partir da movimentação de diferentes coletivos e sujeitos organizados, revelam-se em um conjunto diversificado de tipologias de ações construídas em torno de objetivos pré-determinados. Esse

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. *Revista Rural e Urbano*, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

trabalho representa um aprofundamento em torno da dimensão do conflito a partir da disputa pela mediação ou apropriação do espaço no contexto das cidades brasileiras. Observou-se que a produção de espaços e territórios está intimamente vinculada com os temas e estratégias adotadas pelos movimentos durante a consecução de suas ações e, suas ações, objetivos e conteúdos fazem parte do processo de constituição da identidade dos sujeitos que compõem diferentes coletivos e movimentos. Para a realização deste artigo foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico, construção de bancos de dados, análise de dados e mapeamento.

Palavras-chave: movimentos socioespaciais; movimentos socioterritoriais; cidade.

Abstract:

The geographical theory of socio-spatial and socio-territorial movements has been consolidated based on studies of movements working in the city, countryside, waters and forests. The different dimensions of conflict, the themes, issues and objectives constructed by the movements reveal the richness and diversity present in the struggles established in these different spaces, which, despite being heterogeneous, are intrinsically related. The aim of this article was to establish a dialog between the actions produced by socio-spatial and socio-territorial movements in Brazilian cities in 2022, in line with the geographical theory of movements. The disputes, conflicts, negotiations, productions and narratives engendered by the movement of different collectives and organized subjects reveal themselves in a diverse set of typologies of actions built around predetermined objectives. This work represents a deepening of the dimension of conflict based on the dispute over the mediation or appropriation of space in the context of Brazilian cities. It was observed that the production of spaces and territories is closely linked to the themes and strategies adopted by the movements during the course of their actions, and that their actions, objectives and contents are part of the process of constituting the identity of the individuals who make up different collectives and movements. In order to produce this article, the following methodological procedures were carried out: a bibliographical survey, documentary research, exploratory fieldwork, database construction, data analysis and mapping.

Keywords: socio-spatial movements; socio-territorial movement; city.

Resumen:

La teoría geográfica de los movimientos socioespaciales y socioterritoriales se ha consolidado a partir de estudios de movimientos que actúan en la ciudad, el campo, las aguas y los bosques. Las diferentes dimensiones del conflicto, los temas, las cuestiones y los objetivos construidos por los movimientos revelan la riqueza y la diversidad presentes en las luchas establecidas en estos diferentes espacios, que, aunque heterogéneos, están intrínsecamente relacionados. El objetivo de este artículo fue establecer un diálogo entre las acciones producidas por los movimientos socioespaciales y socioterritoriales en las ciudades brasileñas en 2022, en consonancia con la teoría geográfica de los movimientos. Las disputas, conflictos, negociaciones, producciones y narrativas engendradas por el movimiento de diferentes colectivos y sujetos organizados se revelan en un conjunto diverso de tipologías de acciones construidas en torno a objetivos predeterminados. Este trabajo representa una profundización en la dimensión del conflicto a partir de la disputa por la mediación o apropiación del espacio en el contexto de las ciudades brasileñas. Se observó que la producción de espacios y territorios está estrechamente vinculada a las temáticas y estrategias adoptadas por los movimientos

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

durante sus acciones, y que sus acciones, objetivos y contenidos forman parte del proceso de constitución de la identidad de los sujetos que integran los diferentes colectivos y movimientos. Para la elaboración de este artículo, se llevaron a cabo los siguientes procedimientos metodológicos: encuesta bibliográfica, investigación documental, trabajo de campo exploratorio, construcción de base de datos, análisis de datos y mapeo.

Palabras-clave: Movimientos socioespaciales, Movimientos socioterritoriales, Ciudad.

Introdução

No Brasil, a partir dos anos 2000, houve um conjunto de medidas que aproximaram o Estado e os Movimentos Sociais Urbanos (MSU). Destaca-se, sobretudo, a ascensão da gestão democrática e plural, por meio da criação de políticas públicas e orçamentos participativos. Isso provocou o reconhecimento dos diferentes movimentos sociais como sujeitos políticos e interlocutores no espaço público (FERRAZ, 2019).

Além disso, observou-se o avanço da constituição de novos direitos civis, que potencializou e deu força para movimentos como: movimento de mulheres, movimento de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e outras identidades, orientações e expressões de gênero LGBTQIA+, movimento negro, quilombola e indígena, esse processo é denominado por Gohn (2013) como “política de identidade”.

Entre os anos 1980 e 2000 mudanças importantes se processaram na configuração e estruturação dos movimentos sociais, que passaram a se caracterizar pela organização em rede, pela horizontalidade e pluralidade ideológica (SCHERER-WARREN, 2006; GOHN, 2014). Tais mudanças talvez possam ser parcialmente explicadas pela necessidade de relações mais democráticas no interior dos próprios movimentos e das articulações estabelecidas a partir das redes regionais, nacionais e internacionais construídas em torno de pautas e demandas específicas.

A análise da atuação dos movimentos no Brasil contemporâneo exige considerar a dimensão política — diretamente vinculada a formação de conjunturas e ao acirramento de disputas e conflitos no espaço urbano. Nesse sentido, convém constatar a contribuição das gestões petistas para o aprofundamento de alguma das características evidenciadas pelos movimentos sociais brasileiros desde o final dos anos 1990.

As gestões petistas da economia não romperam com a política econômica dos dois governos de Fernando Henrique Cardoso (FHC-PSDB), embora tenham apresentado algumas diferenças. A exportação de produtos agrícolas e das atividades mineradoras e a formação do

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

superávit primário continuaram a ser fundamentais na política econômica. Os aumentos reais do salário-mínimo, a ampliação do acesso ao crédito e o investimento em obras de infraestrutura produziram um estímulo a atividade econômica e foram importantes para a incorporação de parte dos trabalhadores brasileiros ao mercado formal de trabalho (POCHMANN, 2012).

As iniciativas tomadas para o enfrentamento da crise capitalista de 2008, proporcionaram em 2010 um maior crescimento do PIB em relação aos governos FHC (FAGNANI, 2011). Entretanto, apesar dos aumentos reais dos salários de algumas categorias de trabalhadores, a massa salarial dos trabalhadores brasileiros continuou baixa e a maioria dos empregos formais gerados estavam posicionados no setor de serviços, onde imperam a terceirização, ocupações pouco especializadas, mal remuneradas e péssimas condições de trabalho (POCHMANN, 2012).

Ao longo dos governos petistas (2002 a 2016), de modo geral, o desemprego diminuiu e o acesso ao crédito foi ampliado a um número acentuado de brasileiros, bem como o programa Bolsa Família possibilitou a retirada de milhões de famílias brasileiras da pobreza absoluta (FAGNANI, 2011). Apesar disso, a massa de empregos criada se caracterizou pela baixa remuneração e precariedade não havendo melhorias significativas na qualidade de vida destes trabalhadores, o que refletiu em aumento significativo de greves realizadas por todo o país (BOITO JUNIOR, 2010).

Essa insatisfação foi expressa, dentre outras maneiras, pelos movimentos de luta por moradia. Após décadas de confronto do movimento nacional de moradia, pela criação de um programa federal de habitação, o programa Minha Casa, Minha Vida foi formulado com base em conversas com empresários do setor imobiliário e da construção civil. A principal característica do programa foi o financiamento público de empreendimentos imobiliários privados, por meio de acesso ao crédito habitacional nos bancos públicos (PARMEZANI, 2013).

O ativismo virtual também cresceu e com ele uma organização diversa e plural de movimentos sociais, representados por uma camada mais jovem que se organizara de maneira horizontal e descentralizada em defesa de direitos da população negra, das mulheres e LGBTQIA+. Observa-se também o crescimento de coletivos de artistas de diferentes áreas e segmentos que tem utilizado o uso de novas tecnologias de informação e mídias sociais (SCHERER-WARREN, 2008, 2014).

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

Além disso, as gestões petistas do governo federal produziram uma situação de apaziguamento e uma espécie de aliança entre governo, movimento sindical e movimentos sociais. O apoio aos governos petistas, a desmobilização para proteger o governo contra a ofensiva das oposições, conservadoras ou não, caracterizaram os dois mandatos de Luís Inácio Lula da Silva e o primeiro mandato de Dilma Rousseff. Nesse sentido, a relação com os movimentos sociais foi desde o início formal e não substantiva e criou as condições para uma reconfiguração dos movimentos sociais marcada pela indignação com a situação econômica e pelo anseio de ruptura com as chamadas “velhas” formas de organização e do fazer político característico do movimento sindical e dos mais tradicionais movimentos sociais.

Essa conjuntura e sua relação entre o passado e o presente, culminou no crescimento da organização desses movimentos em redes, fóruns, frentes e coletivos voltados para uma intensa articulação de temas e demandas. Disso resulta que os movimentos da atualidade são baseados, principalmente, na horizontalidade e na autonomia buscando romper com as práticas políticas cristalizadas (LOVELUCK, 2018).

Atualmente, um conjunto diverso e significativo de movimentos socioespaciais e socioterritoriais disputa e produz o espaço urbano com diferentes objetivos e intencionalidades. Os registros e análises possibilitadas pelo Banco de Dados da Luta Por Espaços e Territórios (DATALUTA) possibilitaram mapear e identificar uma gama de tipologias de movimentos, ações e objetivos que orientam conflitualidades e disputas no contexto das cidades brasileiras. Tal análise foi enriquecida pela conjuntura política, social, econômica e cultural vivenciada pelo Brasil na última década.

Neste artigo evidencia-se que as disputas, conflitos, negociações, produções e narrativas engendradas a partir da movimentação de diferentes coletivos e sujeitos organizados, constrói-se a partir de um conjunto diversificado de tipologias desenvolvidas em torno de objetivos pré-determinados. Esse trabalho representa um aprofundamento da dimensão do conflito a partir da disputa pela mediação ou apropriação do espaço. Observou-se que a produção de espaços e territórios está intimamente vinculada com os temas e estratégias adotadas pelos movimentos durante a consecução de suas ações e, suas ações, objetivos e conteúdos fazem parte do processo de constituição da identidade dos sujeitos que compõem diferentes coletivos e organizações sociopolíticas.

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

Metodologia

A construção de um banco de dados que reúne um conjunto de ações e objetivos dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos brasileiros é, sem dúvida, um enorme desafio, sobretudo, pela ausência de qualquer pesquisa semelhante a esse tipo de leitura e análise. Essa metodologia, portanto, para além de se colocar como um desafio a ser superado a cada mudança conjuntural e histórica, também se apresenta inovadora e como uma ferramenta em potencial para se compreender as mudanças geográficas e estruturais ocorridas no Brasil desde uma perspectiva relacional dos espaços, territórios, movimentos e instituições.

Essa pesquisa reflete os esforços coletivos de uma série de grupos distribuídos por todo o Brasil. A Rede Brasileira de Pesquisa das Lutas por Espaços e Territórios (REDE DATALUTA)¹, desde 2020, vem estendendo suas pesquisas para além dos conflitos e disputas materializadas no espaço agrário brasileiro, abrangendo desde então os conflitos envolvendo os espaços urbanos, as florestas e as águas.

Nesse processo foi necessário reformular a metodologia até então utilizada no desenvolvimento das pesquisas com enfoque somente no espaço agrário. Destaca-se que essa reformulação envolveu a totalidade dos pesquisadores que trabalham no contexto do Banco de Dados da Luta por Espaços e Territórios (DATALUTA), tanto no que tange aos aspectos metodológicos, quanto aos referenciais teóricos que vieram a embasar tal transição.

Dito isso, a metodologia de pesquisa utilizada pela Rede DATALUTA foi reformulada para que pudessem ser colhidos dados referentes às ações de movimentos socioespaciais e socioterritoriais no Brasil, nos espaços previamente destacados. Principalmente dois contextos e conjunturas influenciaram esse processo: o período pandêmico — vivido intensamente, sobretudo, em 2020 e 2021; e a fase de confronto político que se acentuou durante as eleições gerais no Brasil em 2022.

A forma escolhida para tal levantamento de dados foi a criação, por meio da plataforma Google, de e-mails com alertas sobre notícias que pudessem conter alguma informação

¹ Compõem a Rede Brasileira de Pesquisa das Lutas por Espaços e Territórios (REDE DATALUTA) os seguintes grupos, laboratórios e núcleos de pesquisa: CPEA/UNESP - DATALURE/UECE - GEACTION/UnB - GEDITE/UEMA - GEOAGRÁRIA/UFMS - GEOEDUCA/UFMG - GEOLUTAS/UNIOESTE-PR - GERES/UNIFAL-MG - GEPER/UEG - GETEC/UFPA - GPECT/UFES - LABERUR/UFRN - LABRURAL/UFES - LAGEA/UFU - LAGET/UFJ - LAPLAN/UNESP - LEPENG/UFMA - LEPET/UESB - LERASSP/UNIFESSPA - NATERRA/UFTM - NEAG/UFRRS - NEAGRI/UnB - NEAT/UFU - NERA/UNESP - DATALURE/UECE SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

relevante sobre a ação dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais no Brasil. Para isso, foram cadastradas uma série de palavras-chave, previamente definidas pelo coletivo, que pudessem auxiliar na escolha das notícias potencialmente úteis à pesquisa.

As palavras cadastradas na plataforma do Google foram: agricultura urbana; agroecologia urbana; agrofloresta urbana; direito à moradia; doação de alimentos; educação de qualidade; entregadores antifascistas; feira agroecológica; greve dos trabalhadores; horta urbana; hortas comunitárias; invasão urbana; jornadas de lutas; levante popular da juventude; luta por moradia; manifestação urbana; movimento + caminhoneiro; movimento antifascista; movimento cultural; movimento de mulheres; movimento estudantil; movimento negro; movimento queer; movimento sindical; movimentos de imigrantes; movimentos feministas; movimentos sociais urbanos; ocupação escolar; ocupação urbana; organização de moradores; Passe Livre; quintais produtivos; Sem Teto; solidariedade alimentar; trabalhadores urbanos; União da Juventude Socialista; União Nacional dos Estudantes; antifascistas; bolsonaristas; carreata; despejo; favela; LGBTQIA+; Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST); panelaço; secundarista; uberização.

A partir do cadastro das palavras-chave, os pesquisadores foram divididos por áreas, referentes aos espaços analisados, e por grupos, que iriam trabalhar sempre em um dia específico da semana. Além desses grupos, responsáveis pela leitura dos e-mails e pela separação das notícias relevantes ou não, havia ainda os grupos responsáveis pela categorização e revisão das ações. Todo esse processo foi mediado por reuniões, algumas voltadas para o debate teórico-metodológico entre os grupos de todos os espaços, algumas específicas para os grupos de cada espaço analisado (urbano, agrário, água e floresta).

Este processo metodológico de levantamento de notícias, por ser novidade aos participantes da pesquisa, se estendeu por todo o ano de 2020 (etapa inicial da pesquisa), requerendo uma série de encontros e debates no âmbito da Rede DATALUTA. Já nos anos seguintes — com o desenvolvimento de um aprofundamento das discussões metodológicas e do método de análise relacional em torno das ações dos movimentos —, as etapas de levantamento, discussão, sistematização e categorização foram realizadas com maior êxito. Para a análise e categorização das notícias foi elaborada uma planilha *online*, também hospedada na plataforma *Google*, onde cada grupo inseriu as informações das ações a partir da leitura e discussão das notícias.

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

Os dados que constam no formulário de registro/sistematização das notícias são: município; código do município (de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE); Unidade Federativa; macrorregião; data da notícia; data da ação; título da notícia; nome do movimento; tipo de movimento (negro, camponês, feminista, indígena...); pauta da ação; finalidade da ação; nome de outras instituições envolvidas nas ações; tipo dessas instituições (Organização Não Governamental (ONG), empresas...); ação matriz; ação derivada; Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) que se assemelham às pautas da ação; número de pessoas ou famílias participantes; fonte e autor da notícia (jornal ou jornalista). As notícias sistematizadas e registradas obrigatoriamente devem possuir um tipo de movimento atuante, uma localidade específica (com exceção das ações virtuais), uma ação produzida, uma data de realização dessa ação e o nome do movimento que a produziu. Se alguma dessas informações estiver ausente a notícia é descartada após leitura e decisão coletiva. Para acelerar o processo de sistematização dos dados referentes ao ano de 2022 foi elaborado um *software*, por parte de pesquisadores da rede, para facilitar o tabelamento dos dados a partir do preenchimento de um formulário *online* (*JotForm*).

As principais categorias apresentadas através dos mapas, representam apenas uma parcela das categorias analíticas desse banco, o que evidencia a sua relevância e capacidade de compreensão e leitura de tais ações e movimentos. Os recortes utilizados para a representação das ações dos movimentos em 2022 foram: i) ações gerais de todos os movimentos em 2022; ii) os principais tipos e nomes de movimentos; iii) principais ações matrizes; iv) relação dos objetivos dos movimentos aos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável; v) finalidade da ação; vi) pautas dos movimentos.

A representação e análise dessas variáveis torna os dados aqui expostos bastante significativos, uma vez que eles são capazes de apontar as tendências das ações dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais que atuaram no Brasil em 2022. Tal representação é feita a partir de uma abordagem relacional e geográfica, buscando compreender as disputas e conflitos existentes entre movimentos e instituições que produzem espaços e territórios de maneira heterogênea.

Movimentos Socioespaciais e Socioterritoriais Urbanos

O principal objetivo deste artigo é de investigar, analisar e compreender o surgimento, as geograficidades e as dinâmicas espaciais, econômicas, políticas, as espacialidades e

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

territorialidades dos Movimentos Socioespaciais e Socioterritoriais Urbanos (MSU). Entretanto, sabemos que existe um conjunto de leituras bem consolidadas sobre os movimentos sociais desde uma perspectiva sociológica que valoriza as relações, as histórias e as ações coletivas produzidas por esses sujeitos organizados.

Apesar de reconhecermos o importante papel da sociologia na construção de um quadro teórico-metodológico que possibilita uma análise complexa e profunda em torno das estruturas organizativas de tais movimentos, identificamos a ausência de conceitos relevantes para se compreender as dinâmicas que se estabelecem nestes quatro espaços supracitados. Assim, nos questionamos sobre a importância do espaço e território para a construção de um saber que envolve uma perspectiva relacional, multiescalar e consequentemente dialética.

A abordagem socioespacial e socioterritorial desenvolvida por Fernandes (2001; 2008; 2009; 2012; 2020) e potencializada por Sobreiro Filho (2016; 2017), Fernandes e Welch (2019), Pedon (2013), Pedon e Dalpério (2014), além de Halvorsen, Fernandes e Torres (2019), iluminam um caminho para a compreensão das ações coletivas dos movimentos sociais desde uma perspectiva geográfica, valorizando as disputas, estratégias, conflitos e, principalmente, a produção ininterrupta de espaços e territórios a partir da relação dos movimentos com as instituições.

Nossa finalidade é alcançar um aprofundamento das discussões e a consolidação de alguns objetivos e temas que perpassam a escala dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais que lutam por espaços e territórios no contexto brasileiro. Neste sentido, quantos são os espaços e os territórios disputados pelos movimentos na atualidade? Quais são os mecanismos, as metodologias (leia-se tipologias de ação) ativadas para que um determinado objetivo seja alcançado? Estas tipologias estão orientadas e em equilíbrio com os objetivos almejados? Existe um determinado padrão, comportamento e relação entre os tipos de movimentos, os seus objetivos e as metodologias empregadas por esses sujeitos organizados objetivando a conquista do espaço e do território?

Os movimentos socioterritoriais e socioespaciais possuem um olhar cuidadoso para os territórios e espaços disputados, isso significa que esses movimentos deixam e entregam seus anseios e expectativas em uma determinada porção do espaço geográfico dotada de conflitualidade, disputa, contenção e poder. Esses movimentos “têm o território como sua característica definidora, sua razão de ser, sem a qual eles não existiriam” (HALVORSEN;

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

FERNANDES; TORRES, 2021, p. 26).

A partir dessa perspectiva, o território passa a ser percebido essencialmente como um conceito dinâmico e relacional, passa a ser interpretado para além das formas modernas e das relações de poder que se dão a partir da ideia de *Estado Soberano*, ou simplesmente da afirmação de que território é poder. Sim, território é poder, mas é também um conjunto de outros processos, dinâmicas e relações que se dão no âmbito social, político, econômico e cultural, extrapolando, portanto, sua redução a uma porção do espaço geográfico controlada e gerida por um grupo vencedor ou hegemônico.

O território é um conceito multidimensional e multiescalar, nele está contido o espaço material e imaterial, bem como as diversas intencionalidades construídas dialeticamente pelos movimentos sociais a partir de suas estratégias coletivas. Nesse movimento, o conceito de território também expõe sua capacidade de produzir simultaneamente contradição, solidariedade e conflitualidade (FERNANDES, 2009).

Ao mesmo tempo, dada tentativa de apropriar-se de determinados territórios não se estabelece e se restringe somente a porção material do espaço geográfico dotada de poder, contenção, resistência, disputa e conflito, isto é, o território, pode também se dar no plano imaterial, a partir da disputa de paradigmas, conceitos, categorias e abordagens. Um exemplo explícito dessa relação e disputa é a construção da abordagem socioespacial e socioterritorial como categoria de análise dos movimentos no mundo.

O território passa a ser para os movimentos urbanos uma estratégia importante de autorrealização. Um movimento socioterritorial só existe porque se estabelece uma relação dialética entre movimento – estratégias – intencionalidades e a porção mediada ou apropriada do espaço. Apesar de muitos movimentos se apropriarem do espaço como meio para efetivação de sua luta, para os movimentos socioterritoriais, o território é o objeto central de seu embate e é a chave de seus objetivos e metas.

Embora todos os movimentos sociais, como qualquer fenômeno social, sejam necessariamente constituídos no e através do espaço, em certos casos a produção do território torna-se um objetivo central e uma característica definidora. Território é aqui entendido como a apropriação do espaço por relações sociais que o produzem e o mantêm na construção de projetos de desenvolvimento, definição comum nas literaturas latino-americanas que remontam a Raffestin (1993).

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

Todos os movimentos podem ser analisados como socioespaciais, pois todos os movimentos sociais se mobilizam e constroem suas lutas a partir do espaço e das relações espacialmente estabelecidas. Entretanto, nem todos os movimentos que se apropriam do espaço tem como objetivo central o desenvolvimento de seus projetos políticos.

Se para os movimentos socioespaciais não é necessária a apropriação de um determinado espaço para a execução de seus projetos políticos, para os movimentos socioterritoriais essa relação é absolutamente necessária, imediata e vital (PEDON, 2009). O espaço é objeto e objetivo central de sua mobilização, assim, é correta a afirmação de que embora todos os movimentos socioterritoriais sejam socioespaciais, nem todos os movimentos socioespaciais são movimentos socioterritoriais (FERNANDES, 2012).

O território excede a ideia de gerenciamento dos conflitos pelo Estado, o território é aquele espaço apropriado por meio das ideias e práticas de qualquer sujeito em busca de seu projeto político. Os movimentos socioespaciais são principalmente orientados para a transformação das relações espaciais por meio do controle político e da apropriação de um espaço demarcado, vide as relações entre os grupos organizados e o estabelecimento das metas traçadas na Agenda 2030, construída pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Embora os movimentos socioterritoriais também sejam produzidos por um sentido relacional de lugar, a identidade dos ativistas é, principalmente, transformada por meio da construção do território, na medida em que os sujeitos frequentemente optam por se identificar explicitamente em relação a um território apropriado (sem-teto, sem-terra, indígena etc.). Por sua vez, as novas identidades produzidas e enraizadas na apropriação do território podem gerar novas subjetividades políticas que outrora lutavam para se articular em torno de uma forma de organização comum.

O conceito de espaço adotado em torno da teoria dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais, está fundamentado, de maneira geral, na discussão feita por Fernandes (2012) e Santos (1988; 2008), compreendendo as relações como processos formadores dos sistemas de ações e sistemas de objetos que se materializam de maneira contraditória e solidária. É, nesse sentido, que Santos (1988, p. 163) ressalta que “não há produção que não seja produção do espaço”.

Moreira (2002) também contribui para o entendimento do conceito ao compreender o espaço como a essência vinculada a reprodução das relações sociais, culturais, econômicas e

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

políticas. O espaço não pode ser compreendido apenas como um “palco” ou “cenário” onde se realizam as manifestações e ações projetadas sobre ele, o seu conteúdo também deve ser considerado. Portanto, o espaço é *relacional, multidimensional, exerce uma composicionalidade, completude, interação e conflitualidade*.

O conceito de território, por sua vez, como expressa Raffestin (1993) e Fernandes (2012), se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um sujeito sintagmático (aquele que realiza um programa) em qualquer nível ou escala, é definido como um sistema de ações e sistema de objetos, os territórios se movimentam, se transformam e se fixam sobre o espaço geográfico.

As relações e as conflitualidades estabelecidas de acordo com as intencionalidades dos sujeitos revelam as suas territorialidades e posicionam o espaço como um *a priori* e o território *a posteriori*, o espaço é perene e o território intermitente, o espaço é a essência necessária para a produção das relações, o território, por sua vez, é disputado, tem-se o conflito e a alteração, é a vinculação ao poder e ao domínio visível, material e imaterial.

O espaço urbano assume centralidade nesse artigo a partir das disputas e dos conflitos estabelecidos pelos movimentos no contexto das cidades brasileiras. Assim, Corrêa (1989) evidencia que o espaço urbano é fragmentado e articulado, cada uma de suas partes mantém relação com as demais em diferentes intensidades e enredamentos, o urbano é condicionante das ações sociais e reflexo das mesmas, toda essa dinâmica corrobora para uma interação dialética. O espaço urbano também pode ser entendido como um conjunto de símbolos e campo de lutas, sobretudo, quando os sujeitos sociais representam o enfoque *analítico-conceitual* (CASTELLS, 1974; 1977; 2013).

Cartografia dos Movimentos Socioespaciais e Socioterritoris Urbanos no Brasil em 2022

Os elementos conjunturais que marcam de maneira substancial as ações produzidas pelos movimentos socioespaciais e socioterritoriais no/pelo espaço urbano brasileiro em 2022, revelam uma diversidade significativa de temáticas, pautas, objetivos, intencionalidades e relações diretas e indiretas com processos políticos e com a produção do espaço urbano brasileiro.

Observamos semelhanças e diferenças nas categorias analisadas entre os anos de 2020 e 2022, uma das semelhanças está na relação do conteúdo das ações coletivas produzidas e os SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Observa-se, também, que os movimentos socioterritoriais permanecem atuantes em 2020, 2021 e 2022, entretanto, acentuam a disputa pela apropriação do espaço a partir da retomada das ruas e do aquecimento do debate político que se deu durante as eleições gerais no Brasil (2022).

O espaço urbano brasileiro é um espaço de demandas e lutas por direitos. No contexto da urbanização capitalista, as contradições e tensões características da organização socioespacial das cidades fomentam ações que questionam, contestam, desafiam, reivindicam, buscam transformar ou manter esse espaço de acordo com interesses e insatisfações. Essas ações, com frequência, são organizadas e realizadas por movimentos socioespaciais e socioterritoriais, cujas motivações vinculam-se à luta pela garantia de condições para se continuar existindo (PEDON, 2009; FERNANDES, 2005).

Em 2022, a partir do Banco de Dados da Luta por Espaços e Territórios (DATALUTA), foram identificados 299 nomes de movimentos socioespaciais e socioterritoriais no espaço urbano brasileiro. É possível observar um significativo crescimento em relação ao ano de 2020 e uma diminuição em relação ao ano de 2021, esse crescimento se relaciona com o arrefecimento do isolamento social no Brasil no decorrer do segundo ano da pandemia de covid-19 e com o crescimento das demandas por vida digna em um contexto marcado pela crise socioeconômica, sanitária e política, no qual se observou, por exemplo, o aumento do desemprego e da fome no país.

Tabela 1 – Tipos de Movimentos que atuaram no espaço urbano brasileiro em 2022

Tipo de Movimento	Ações
Movimento Sindical	266
Movimento Estudantil	64
Movimento de Trabalhadores Urbanos	57
Movimento Popular de Luta Pela Moradia	47
Movimento de Instituição	42
Movimento de Mulheres	33
Frentes Populares	29
Movimento Camponês	18
Movimentos conservadores	15
Movimento de Juventude	13
Movimento Negro	13
Movimentos de Extrema-Direita	12
Movimento Alimentar	10
Movimento de Moradores Urbanos	10
Movimentos Antidemocráticos	9
Movimento de Luta Pelo Transporte Público	8
Movimento LGBTQIA+	8
Movimento de Atingidos	3

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

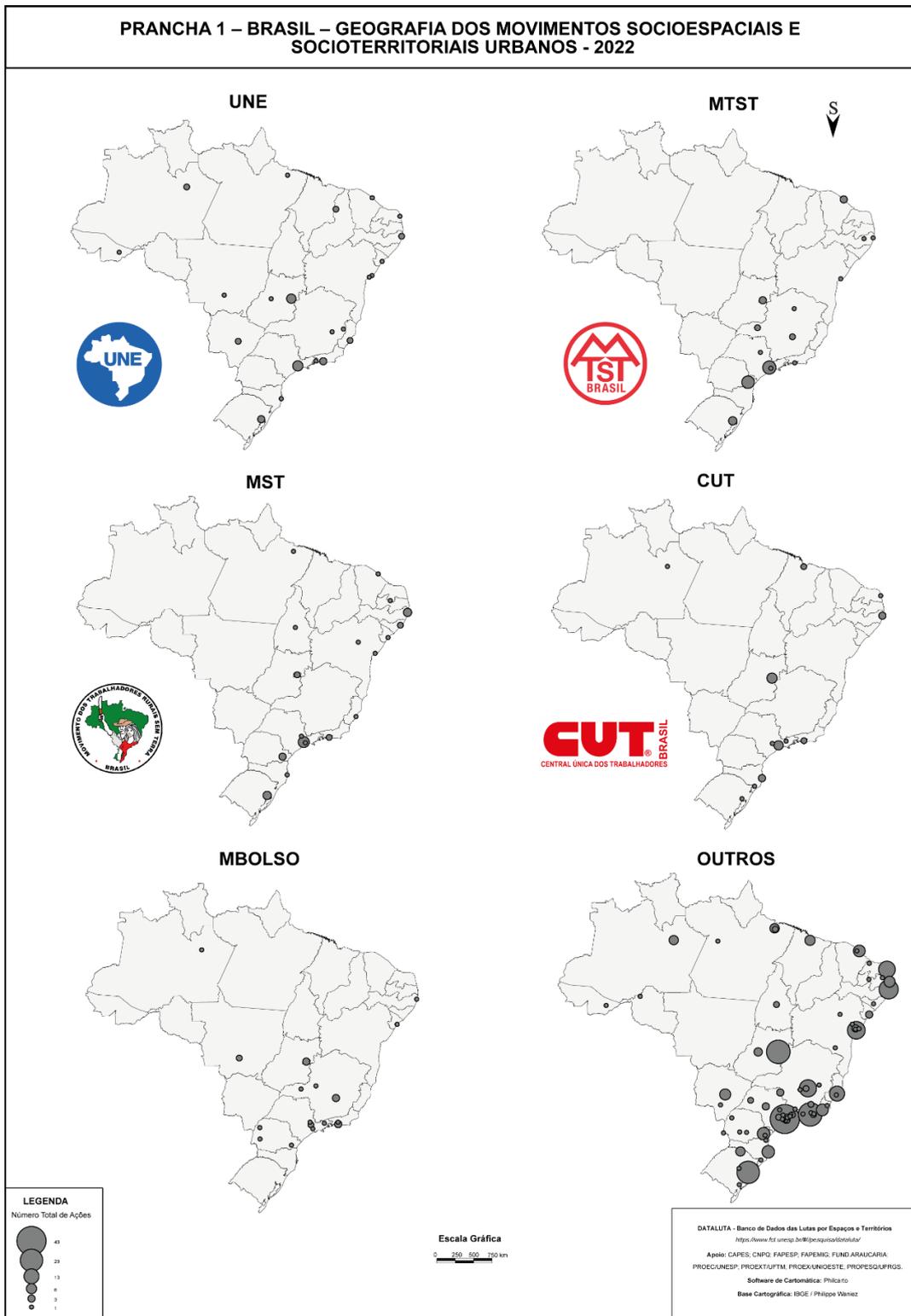
Movimento Ambientalista	2
Movimento Indígena Urbano	1
Movimentos Culturais	1
Total	661

Fonte: Banco de Dados da Luta Por Espaços e Territórios (DATALUTA), 2024.
Organização: Os autores, 2024.

Dentre os tipos de movimentos mais ativos no espaço urbano em 2022, segundo o DATALUTA, podemos observar uma atuação significativa dos Movimentos Sindicais com 266 registros, seguido do Movimento Estudantil com 64 registros, Movimento de Trabalhadores Urbanos com 57 ações, Movimento Popular de Luta Pela Moradia com 47 registros, Movimento de Mulheres com 33 registros, entre outros.

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>



SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>



Dentro das grandes tipologias dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais mais ativos podemos destacar uma diversidade significativa que reitera a leitura de que o espaço urbano condensa e agrupa um conjunto vasto de demandas, pautas, objetivos e identidades. Dos 299 movimentos que atuaram no Brasil em 2022, destaca-se as ações da União Nacional dos Estudantes (UNE) com 40 registros, Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) com 39 registros, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) com 34 registros, Central Única dos Trabalhadores (CUT) com 25, e Movimento Bolsonaro (MBOLSO), também com 25 registros, foram esses os cinco movimentos mais atuantes em 2022 (Prancha 1). Movimentos como a UNE, o MST e o MTST se articularam intimamente em determinadas ações, sobretudo, voltadas para o contexto político-eleitoral, o que expressa a inseparabilidade das lutas da população do espaço agrário e do espaço urbano, ainda que existam especificidades nas suas demandas por direitos, há problemas e desafios comuns.

A distribuição espacial desses movimentos ratifica a concentração das lutas em São Paulo (78 ações), Brasília (51 ações) e Rio de Janeiro (44 ações). Também é possível observar uma relevante espacialização das ações nas principais capitais brasileiras como: Porto Alegre (RS) com 41 ações. Recife (PE) com 30 ações, Belo Horizonte (MG) com 23 ações, Curitiba (PR) e Salvador (BA) com 21 ações cada, Natal (RN) com 18 ações, Vitória (ES) com 16 ações, entre outras capitais.

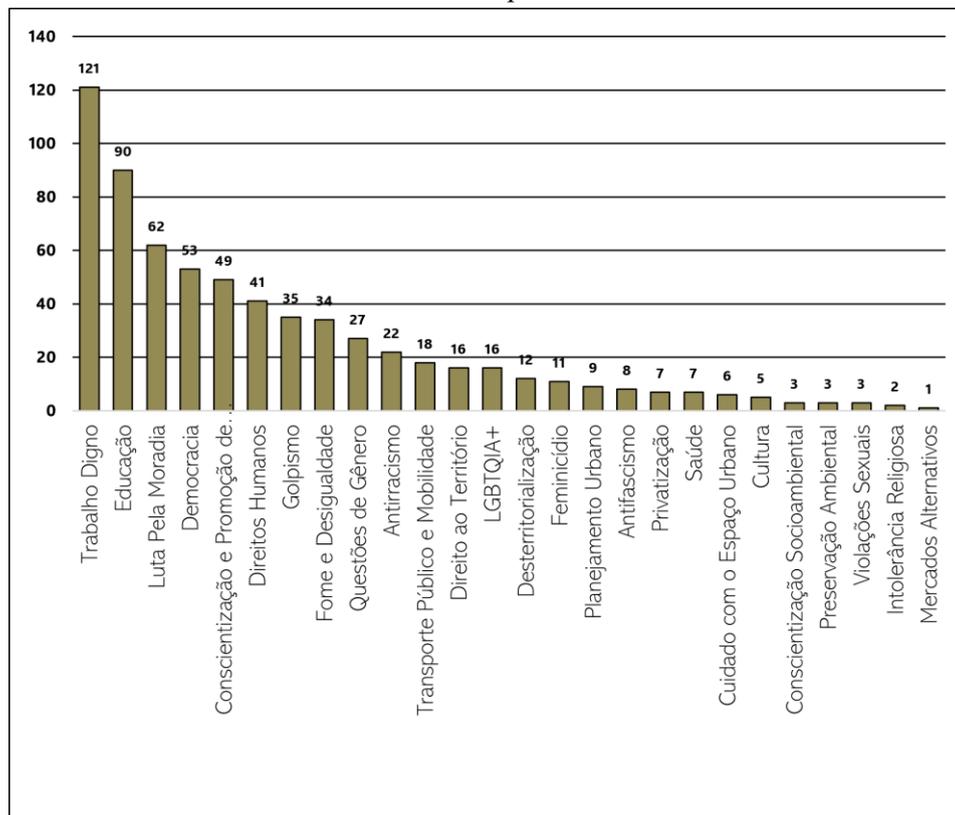
Em todo o território nacional, os movimentos socioespaciais e socioterritoriais foram atuantes principalmente nas capitais estaduais. Apesar disso, observa-se um crescimento da presença de movimentos em cidades médias, conforme demonstra a ocorrência de ações em espaços urbanos que não possuem *status* de capitais. Houve, portanto, certa dispersão das lutas dos movimentos no Brasil. Ressalta-se, também que, em 2022, os únicos estados sem registro de ações de movimentos foram o Amapá e Roraima.

É importante ressaltar que existem inúmeros movimentos socioespaciais e socioterritoriais que produziram várias ações coletivas em 2022, nesse sentido, foram registrados 299 nomes de movimentos, entretanto, foram produzidas 661 ações. Desses 299 movimentos, 35 (11,7%) são movimentos socioterritoriais e 265 (88,3%) são movimentos socioespaciais. Em relação a modalidade das ações praticadas por esses movimentos, 246 ações

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

(82,2%) tinham por objetivo a mediação do espaço, 24 (8%) foram de apropriação do espaço e 28 (9,8%) foram tanto de mediação como de apropriação do espaço.

Gráfico 1 – Pautas dos Movimentos Socioespaciais e Socioterritoriais Urbanos em 2022



Fonte: Banco de Dados da Luta Por Espaços e Territórios (DATALUTA), 2024.
Organização: Os autores, 2024.

A constituição do espaço urbano é marcada por um conjunto significativo e potente de diversidades de tipos de movimentos, de tipologias de ações, agendas, demandas, pautas e finalidades distintas. O gráfico 1 evidencia a diversidade de pautas e temas mencionados. É possível observar a vinculação das lutas com temáticas heterogêneas como trabalho digno, educação, moradia, democracia, direitos humanos, pautas atreladas à diversidade sexual e de gênero, planejamento urbano, mobilidade urbana, cultura etc.

O comportamento e as estratégias traçadas pelos movimentos urbanos estão em consonância e equilíbrio com as estruturas e hierarquias produzidas em determinados territórios e espaços. É possível observar que as ações coletivas fazem parte de um conjunto de disputas engendradas na e pela cidade contemporânea. As tipologias revelam os objetivos e suas

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

intenções revelam a disputa espacial ou territorial, que por fim, constituem a identidade dos sujeitos que lutam.

A análise das ações produzidas em 2022 pelos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos deve considerar a conjuntura política, econômica e social vivida no Brasil e no mundo. De 2020 a 2022, destacam-se eventos como o governo Bolsonaro, a pandemia da covid-19 e o acirramento da disputa entre campos políticos marcadamente distintos e em intenso conflito a partir da execução das eleições gerais no Brasil em 2022.

A atuação de grupos autonomistas, progressistas, socialistas, conservadores e de extrema-direita em 2022 abarcou um conjunto de ações coletivas que orientaram as disputas espaciais e territoriais. Seus objetivos envolveram, por um lado, o desenvolvimento social, econômico e político; no campo oposto, garantir a permanência de privilégios socioeconômicos de determinada classe social ou a destruição de políticas públicas orientadas para o Estado de bem-estar social.

O papel dos movimentos conservadores e de extrema-direita frente aos movimentos tradicionais e localizados no campo de atuação mais à esquerda do espectro político brasileiro (sem-teto, sem-terra, progressistas, sindicatos etc.) se sobrepõe, principalmente, a partir da década de 2010. O desemprego, o aumento de desigualdades sociais, as reformas do Estado que culminaram em perdas de direitos trabalhistas, a crise político-institucional que produziu o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff tornaram o solo fértil para o surgimento de grupos conservadores, inspirados em um nacionalismo exacerbado e distorcido. Também tomaram às ruas em maiores proporções, os movimentos de mulheres, de negros, LGBTQIA+ e imigrantes, o que revela disputas entre as noções de nação, cidade e desenvolvimento.

O governo Bolsonaro (2019-2022) adotou um conjunto de ações que impactou a vida de milhões de brasileiros, em especial dos mais pobres. Assentado em uma política anti-ambientalista, anti-indigenista e que promoveu em suas primeiras ações de governo a destruição das Instituições Participativas (IPS), esse governo agenciou um discurso alinhado com o de grupos de extrema-direita (grupos neonazistas e neofascistas), fato que gerou um isolamento internacional (AVRITZER, 2020).

A pandemia trouxe uma compreensão mais profunda sobre alguns marcadores sociais e estruturas construídas por séculos em nosso país. Aspectos de gênero, raça, classe, etnia e cultura evidenciaram as desigualdades, as quais ganharam centralidade no debate público. As

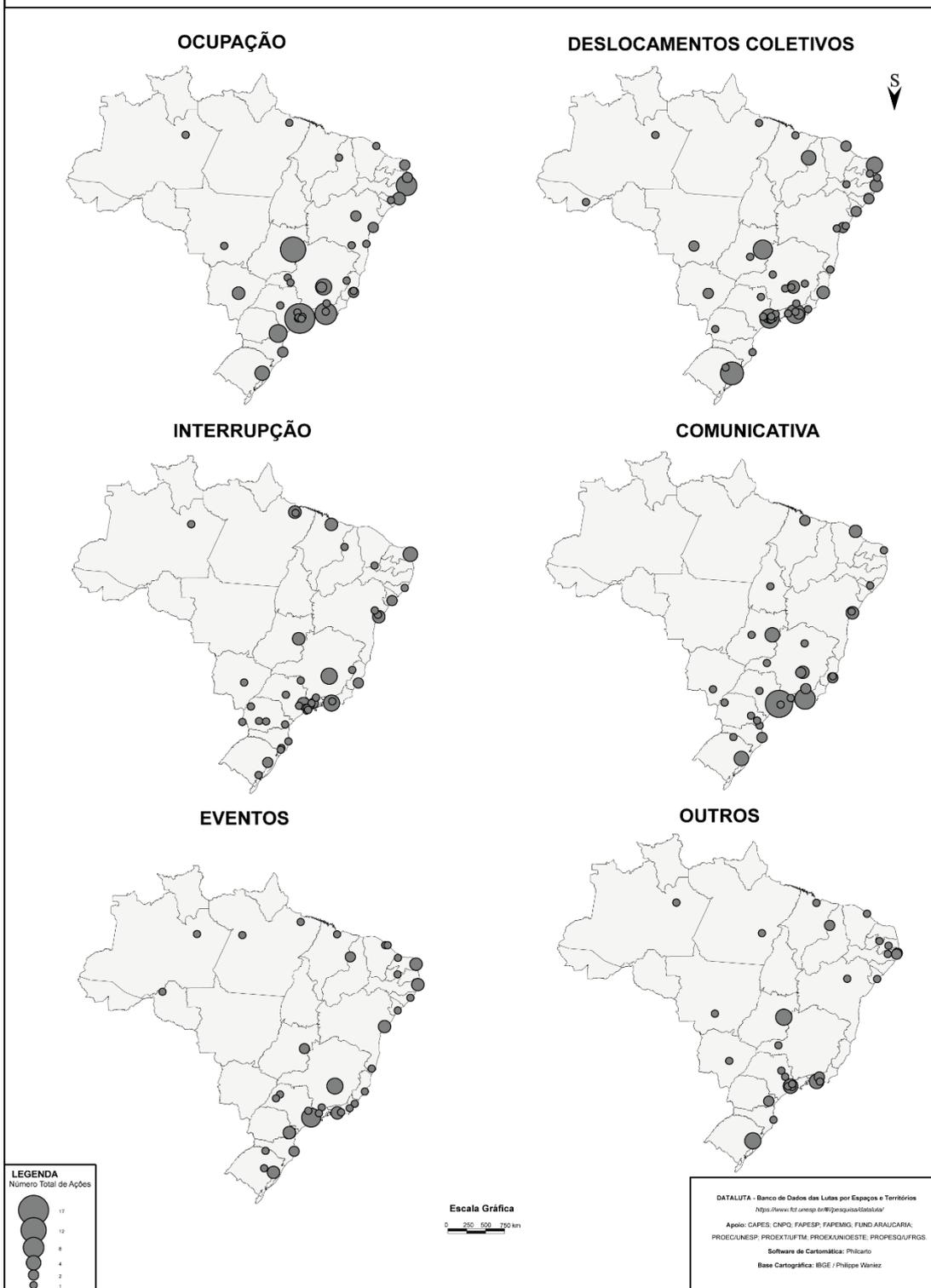
SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

motivações que deram tom às ações coletivas, também estavam alinhadas com as pautas dos coletivos e sujeitos mais afetados pela pandemia e por uma desigualdade espacial e territorial. que foi escancarada pela doença.

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

PRANCHA 2 – BRASIL – GEOGRAFIA DOS MOVIMENTOS SOCIOESPACIAIS E SOCIOTERRITORIAIS URBANOS POR AÇÕES COLETIVAS - 2022



Fonte: Banco de Dados da Luta Por Espaços e Territórios (DATALUTA), 2024.
Organização: Os autores, 2024.

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>



Em 2022 observamos uma retomada intensa e direta das ruas de todo o país, isso se deu pelo confronto político vivenciado durante as eleições gerais que foi marcada por diversas e intensas manifestações de movimentos socioespaciais e socioterritoriais de diferentes campos políticos e ideológicos. O que marca este período é a disputa política assentada, principalmente, em dois projetos de país identificados nas pautas, objetivos e intencionalidades dos movimentos analisados.

Ocupação (104), Deslocamentos Coletivos (99), Interrupção (67), Comunicativa (66) e Eventos (59), foram as principais ações coletivas registradas em 2022. Tal dado corrobora com a dinâmica que já vinha sendo estabelecida nos anos anteriores perante a conjuntura mundial e nacional. As manifestações, das formas mais diversas, se fizeram ainda mais presentes nas lutas dos movimentos para atenderem suas pautas.

Em relação aos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) foi possível observar um crescimento da vinculação das ações dos movimentos às pautas globais presentes nos documentos oficiais. Movimentos como a Marcha Nacional das Mulheres Indígenas (MNMI), Central Única dos Trabalhadores (CUT), Frente Brasil Popular (FBP), Grito dos Excluídos (GRITO), Levante Popular da Juventude (LPJ), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN), Movimento Negro Unificado (MNU), Movimento pelo Clima (MPCLIMA), União Nacional dos Estudantes (UNE), são alguns dos movimentos que produziram ações que estão diretamente relacionadas com os 17 ODS.

Os principais ODS relacionados com as ações dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais foram: ODS 16 – Paz, Justiça e Instituições Eficazes (154), ODS 10 – Redução das Desigualdades (142), ODS 8 – Trabalho Decente e Crescimento Econômico (119), ODS 4 – Educação de Qualidade (85), ODS 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis (53), os outros objetivos juntos estiveram presentes em 142 ações coletivas.

Os resultados apresentados aqui evidenciam a complexidade das demandas da população citadina e das lutas urbanas no Brasil. O esforço de propor e atuar em prol de um espaço urbano justo, solidário e sustentável foi realizado por movimentos socioespaciais socioterritoriais em um cenário político-social marcado pela pandemia de covid-19 (2020 a

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

2022), governo Bolsonaro (2019 a 2022) e pleito no âmbito das eleições gerais de 2022. Foram 299 movimentos identificados pela pesquisa, os quais realizaram 661 ações. Movimentos Sindicais foram os mais atuantes, seguidos por Movimentos Estudantis, de Trabalhadores Urbanos, de Luta Pela Moradia e de Mulheres, os quais, em conjunto, perfizeram quase 71% das ações. Três grandes cidades brasileiras concentraram pouco mais de ¼ das ações dos movimentos, mas há tendência à dispersão espacial das lutas, o que se percebe com a maior atuação dos movimentos nas cidades médias.

As pautas abordaram trabalho digno, educação, moradia, direitos humanos, diversidade sexual e de gênero, planejamento e mobilidade urbana. As reivindicações locais se coadunaram com pautas globais, visto seus vínculos com o ODS 16, o ODS 10 e o ODS 8. Ocupações, deslocamentos coletivos, interrupções, atividades comunicativas e eventos usaram o espaço ora como mediação, ora demandando sua apropriação, com vistas a criar novos usos do território capazes de moldar um espaço urbano caracterizado por condições de vida digna.

Considerações Finais

Os movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos representam um sistema de práticas que resulta na articulação de uma conjuntura do sistema de agentes urbanos e de outros exercícios sociais. Seu desenvolvimento tende objetivamente para a transformação estrutural do sistema urbano ou para uma modificação substancial da relação de forças na luta de classes, isto é, em última instância, na luta e disputa pelo poder do Estado.

Os problemas existentes nas cidades manifestam atualmente uma crise societal subjacente aos apelos que se materializam no espaço urbano para além da reprodução da vida. Essa crise se estabelece em várias escalas e setores e produz reflexões sobre temas como saúde, moradia, trabalho, desenvolvimento sustentável, justiça social, entre outros.

Existe anseio e esperança por dignidade, justiça, que transcende a esfera institucionalizada da vida urbana e, em consequência, as arenas políticas já configuradas. É a legitimidade deste anseio que transparece na dura cobrança feita a governos e governantes, quando se distanciam de suas origens sociais ou traem compromissos. É, ainda, essa legitimidade que sustenta, no plano dos valores, tantas formas de mobilização da juventude, nos países centrais e periféricos.

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

Está em curso a reinvenção do próprio tecido social, sustentando novas formas de apropriação do espaço urbano. Espera-se, com o mapeamento das ações dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais, oferecer subsídios para compreensão desse processo e estimular novas reflexões sobre ele, contribuindo, inclusive, para sua realização que, acredita-se, tem potencial transformador na direção de espaços urbanos inclusivos e democráticos.

Referências

AVRITZER, L. **Política e antipolítica: a crise do governo Bolsonaro**. São Paulo: Todavia, 2020.

BOITO JUNIOR, A.; MARCELINO, P. O sindicalismo deixou a crise para trás? um novo ciclo de greves na década de 2000. **Caderno CRH**, Salvador, v. 23, n. 59, p. 323- 338, Maio/Ago. 2010.

CASTELLS, M. **Ciudad, democracia y socialismo**. Madrid, Siglo Veinteuno Editores, 1977.

CASTELLS, M. **Movimientos sociales urbanos**. Madrid, Siglo Vienteuno Editores, 1974.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

FAGNANI, E. A política social do governo Lula (2003-2010): perspectiva histórica. In: **Revista Ser Social**, Brasília, v. 13, n. 28, p. 41-80, jan./jun. 2011.

FERNANDES, B. M. A Ocupação como forma de acesso à terra. In: **XXIII, Congresso Internacional da Associação de Estudos Latino-Americanos**, 2001, Washington – DC, 2001.

FERNANDES, B. M. **Construindo um estilo de pensamento na questão agrária: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico**. Tese de Livre – Docência (Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente, 2013.

FERNANDES, B. M. Entrando nos territórios do Território. In: **Campesinato e territórios em disputa**. PAULINO, Eliane Tomiase; FABRINI, João Edmilson. São Paulo. Expressão Popular p. 273-301, 2008.

FERNANDES, B. M. Movimentos Socioterritoriais e Movimentos socioespaciais: Contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. Ed. Especial. São Paulo: **Revista NERA**, 2012. p. 07-17.

FERNANDES, B. M. **Peasant Movements in Latin America**. Oxford Research Encyclopedia

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

of Politics. 2020.

FERNANDES, B. M. Sobre a Tipologia de Territórios. *In*: Saquet, Marco Aurélio; Sposito, Eliseu Saverio. (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

FERNANDES, B. M; WELCH, C. A. “Contested landscapes: territorial conflicts and the production of different ruralities in Brazil”. **Landscape Research**. V.44, 2019. p. 1-16.

FERNANDES, B. M. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista Nera**, n. 6, p. 24-34, 2012.

FERRAZ, A. T. R. Movimentos sociais no Brasil contemporâneo: crise econômica e crise política. **Serviço Social & Sociedade**, 2019, 346-363.

GOHN, M. da G. A sociedade brasileira em movimento: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais. **Caderno CRH**, v. 27, p. 431-441, 2014.

GOHN, M. da G. Desafios dos movimentos sociais hoje no Brasil. **SER social**, v. 15, n. 33, p. 301-311, 2013.

HALVORSEN, S. FERNANDES, B. M. TORRES, D. ‘Mobilising Territory: Socioterritorial movements in comparative perspective’, **Annals of the American Association of Geographers**. 2019. p. 1454–1470.

HALVORSEN, S.; FERNANDES, B. M.; TORRES, F. V. Movimentos socioterritoriais em perspectiva comparada. **Revista Nera**, [S. l.], n. 57, p. 24–53, 2021. DOI: 10.47946/rnera.v0i57.8639. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/8639>. Acesso em: 22 mar. 2024.

LOVELUCK, B. **Redes, liberdades e controle: uma genealogia política da internet**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

MOREIRA, R. O espaço e o contra – espaço: Sociedade Civil e Estado, Privado e Público na Ordem Espacial Burguesa. *In* Revista **Território Territórios**. Programa de Pós – Graduação Em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2002.

PARMEZANI, E. Especulação explode nas periferias: a expansão desordenada do mercado imobiliário avança nas regiões mais afastadas dos centros metropolitanos e acelera a deterioração da vida nas cidades. **Caros Amigos**, São Paulo, ano XVI, n. 190, p. 10-13, 2013.

PEDON, N. R; DALPERIO, L. C. A contribuição da abordagem socioterritorial à pesquisa geográfica sobre os movimentos sociais. *In*: VINHA, J. S. C; COCA, E. L; FERNANDES, B. M. (Org.). **DATALUTA: questão agrária e coletivo de pensamento**. 1ed.São Paulo: Outras Expressões, 2014, v. 1, p. 39-67.

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48

PEDON, N. R. **Geografia e movimentos sociais**: dos primeiros estudos à abordagem socioterritorial. Editora Unesp, 2013.

POCHMANN, Marcio. **Nova classe média?** O trabalho na base da pirâmide salarial brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e Meio Técnico-científico informacional. 5ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SCHERER-WARREN, I. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e estado**, v. 21, p. 109-130, 2006.

SCHERER-WARREN, I. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 71, p. 417-429, maio/ago. 2014.

SCHERE-WARREN, I. Redes de movimentos sociais na América Latina. *In*: **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 505-517, set./dez., 2008.

SOBREIRO FILHO, J. **Contribuição à construção de uma teoria geográfica dos movimentos socioespaciais e *contentious politics***: produção do espaço, redes e lógica-racionalidade espaço-temporal no Brasil e Argentina. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, São Paulo, 2016.

SOBREIRO FILHO, J. Instrumentos teóricos para analisar os movimentos socioespaciais e a perspectiva geográfica: conflitualidade, *contentious politics*; terrains of resistance, socio-patial positionality e convergence spaces, **Revista Nera**, Ano 20, n. 39, p. 13-38, 2017.

SANTOS, A. L.; SOUZA, W. V. F. A disputa das ruas e das mentes: geografia dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos no Brasil em 2022. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 24-48